

Pra não dizer que não falei de flores

Edmundo Antonio Dias¹



Foto de Valda Nogueira

No meio do Espinhaço
Dona Jovita viu um parque
Há um parque no meio do caminho

1 Natural de São Paulo/SP, cursou Direito na Faculdade do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo, e mora há muitos anos em Belo Horizonte, com a esposa Luciana e seus filhos Mariana, Bernardo, Davi e Tomás. Trabalha na área de cidadania e direitos humanos, no Ministério Público Federal, instituição que atualmente representa na Comissão Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais de Minas Gerais, que também é composta – na fabulosa diversidade das Minas e dos Gerais – por representantes de comunidades apanhadoras de sempre-vivas.

Sentiu as retinas fatigadas, muito
Sem afastar-se, deu as mãos a Carlos
Há um parque no meio do Espinhaço

As flores continuam sempre vivas
Panha de flor, roça de toco,
Pequi, cagaitê, capa-de-coco

O de antes, o por vir
Espinhaço divisor
Jequitinhonha, São Francisco abaixo
Campina-gigante, estrepa-nariz
Coinha, janeirona, chuveirinho
Brejeira, pé-de-ouro

Mata dos Crioulos, Macacos, Inhaí,
Vargem do Inhaí...
Lugar de águas

Braúnas, São João da Chapada
Onde o almoço não é pra a gente só
E o sabiá no quintal come a laranja

Campina, a lapa, a Chapada
Desincomodado é onde nós fica
A Mata do Izidoro

Dona Jovita, das raízes do lugar
O divertimento das crianças no tempo da panha
E a lapa é casa

As apanhadoras conhecem os caminhos
Do sertão à serra rebrotam sempre-vivas
Antes do parque e depois dele

Pé de Serra, Lavra, Raiz,
A campina de manhã orvalhada
O fogo no tempo certo pra não requeimar o chão

Guardar a semente

Crioula

O gado na solta

As panhadeiras conhecem os caminhos
Do sertão à serra rebrotam sempre-vivas
Antes do parque e depois dele

A Serra do azul mais escuro
Embaralhando-se com o céu
O sertão. Rosa

O sobrevoou deu o lugar da cerca-muro
No exato instante da panha de uma flor
A aeronave não reparou as mãos que a colhem

Há uma pedra no meio do caminho
De Olhos D'Água a Buenópolis
Bocaiúva a Diamantina

As borboletas ainda voam de uma flor a outra
Está decretado que devemos preservar as sempre-vivas
As apanhadoras não devem passar por nova ou velha trilha alguma

Panhando flores, o ser
Exato puro
Desfiando a cada passo seu caminho

Às apanhadoras é concedido lembrarem-se das flores
Sempre vivas
Ou do tempo que o vento ao léu soprou

O parque à sua frente.
Para além da cerca-muro que sobe aos céus
Recortando a vida do sertão à serra

É preciso avisar as borboletas
Temos de interromper seus voos
A proteção total foi decretada

O pólen não deve ser levado de uma flor a outra
No interior dos muros o parque cuidará da vida
Alguma tecnologia permitirá sentir de longe seu perfume

Do Gerais à serra
As abelhas devem ser investigadas
Decretou-se, ali, um não-lugar

As apanhadoras não podem colher flores
Seu ofício não deve ser exercido
Agora não é tempo de polinizar sua poesia

Ana Carolina não deve aprender com sua mãe,
que é mistura da serra e do sertão
Tatinha não pode panhar flores

Nem a avó, de lá da vertente do Espinhaço
Nem o avô, que é de cá, pra Diamantina
Ou Lorico, que conhece a Chapada a palmo

Nem Dona Leia, moradeira nascida e criada
Em meio às belezas. Das raízes,
que panham. Outro preservou não

Seu Imir e sua Vargem do Inhaí
Rama de mandioca pode não
João-velho, as penas verdes, também não

É preciso comunicar os namorados
Sobram flores nas floriculturas
É proibido subir ao campo São Domingos

Há um parque no caminho
As flores estarão sempre vivas
É preciso interromper o diálogo da panhadeira com suas flores

Está decretado que não se deve panhar flores
Tão leve gesto não se conjuga com dever
Tampouco com o ser, quando por dever deixa de ser

Apanhadoras são.

Não seriam se não panhassem sempre-vivas
O estender de suas mãos é a própria flor

O sol pretende sombrear no chão o chapéu do panhador
A namorada espera receber sua sempre-viva
Mas o caminho está fechado além da cerca

Há lembretes espalhados
Apanhadoras não podem colher flores
Jesus-meu-deus se interroga se deve contornar o parque

Todas as multas devem ser cobradas
Só de longe se pode ouvir o trinca-ferro
Roça de toco pode não

A flor panhada não existe sem as mãos que panham
As sempre-vivas permanecerão sempre vivas
As flores não se desprenderão do solo

O parque há de reinventar a língua
O apanhador passa a ser o que não panha flores
Os dicionários revogarão os verbetes em contrário

Se João-pobre for em direção ao tom das flores,
será inevitável interromper seu voo
Não é permitido ir ao inesperado da cor mais viva de uma flor

Há implausíveis jeitos de subir a encosta
Mas são bastantes os caminhos que já foram
Na trilha que seria existe um parque

É preciso notificar peito-roxo da rota prefixada
Mesmo se uma flor mais pálida necessitar de atenção
Não será possível mudar o padrão aleatório do seu voo

No parque não há mais caminhos
Foi encontrado o algoritmo do interior dos muros
O gesto da panha de uma flor deve ser guardado na memória

Os apanhadores palmilham demasiadas trilhas
Não se deve permitir a casualidade de sua trama
O algoritmo determina a impossibilidade dos passos

Tranquilizem-se os bichos e as cidades:

As flores estarão sempre vivas

É declarado extinto o estender das mãos do panhador de flores

Poderemos acessar fotos de flores preservadas
Será possível agendar uma visita às sempre-vivas
Os carimbos imprescindíveis serão apostos

Será mapeado o genoma da revoada das araras
Não se perderá lembrança do João-Congo nem das flores
Elas ainda estavam vivas quando o último apanhador as colheu



Foto de Valda Nogueira